



XV Congresso Brasileiro de História  
Econômica & 16ª Conferência  
Internacional de História de Empresas

Osasco, 02 a 04 de outubro de 2023



ASSOCIAÇÃO  
BRASILEIRA DE  
PESQUISADORES  
EM HISTÓRIA  
ECONÔMICA

Brasil e América no Século XIX

## **Outro contraponto baiano: o processo industrial na Bahia no oitocentos<sup>1</sup>**

*Another baiano counterpoint: the industrial process in Bahia in the 19th century*

Matheus Sinder  
Universidade Federal Fluminense  
matheussnhc@id.uff.br

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo discutir a presença industrial na Bahia do século XIX. Para isso, objetivamos desconstruir as perspectivas de que há no oitocentos um atraso industrial no Brasil. Para isso tomamos a província da Bahia como centro da análise abordando: a quantidade de fábricas existentes; os principais setores fabris em dessas fábricas; as dinâmicas de mercados dessas fábricas e a identificação de uma ausência de incompatibilidade entre indústria e escravidão no período. Para isso, utilizamos as documentações dos Almanacks administrativos e mercantis da Bahia de meados dos anos 1845 até 1863 e também analisamos as edições dos relatórios dos presidentes de província. Concluímos que o número de fábricas na Bahia era significativo, que exportava suas mercadorias para outras províncias do Império e também para países estrangeiros.

**Palavras-chave:** Bahia. Indústria. Exportações.

**ABSTRACT:** The present work aims to discuss the industrial presence in Bahia in the 19th century. To do this, we aim to deconstruct the perspectives that there was an industrial backwardness in Brazil in the 1800s. To do this, we took the province of Bahia as the center of analysis, addressing: the number of existing factories; the main manufacturing sectors of these factories; the market dynamics of these factories and the identification of an absence of incompatibility between industry and slavery in the period. To do this, we used documentation from the administrative and mercantile Almanacs of Bahia from mid-1845 to 1863 and also analyzed the editions of the reports of the provincial presidents. We concluded that the number of factories in Bahia was significant, which exported their goods to other provinces of the Empire and also to foreign countries.

**Keywords:** Bahia. Industry. Exports.

---

<sup>1</sup> Pesquisa Financiada pela CAPES. Licenciado, Bacharel, Mestre e doutorando em história pela UFF. Membro do Núcleo de Estudo e Pesquisa em História Econômica e Social (NEPHES-UFF). Email: [matheussnhc@id.uff.br](mailto:matheussnhc@id.uff.br).



## **Introdução**

A historiografia econômica de maneira geral focou suas atenções para as relações econômicas no centro-sul, em sua visão muito mais dinâmica do que de Norte e Nordeste. A história do Brasil, aliás, foi (e por vezes ainda é) contada a partir da perspectiva do eixo Rio-São Paulo-Minas Gerais. Fato é que se economistas e historiadores econômicos enxergaram as estruturas econômicas brasileiras pelo viés do atraso onde a região norte (entende-se como norte as regiões hoje Norte e Nordeste), como também a Bahia, seria um espaço concentrador desse atraso: a ausência de indústrias, de relações econômicas modernas, o predomínio da agricultura e da vida rural, enquanto Rio e São Paulo já se transformaram em grandes metrópoles, seriam as características desse atraso. A questão não é negar a desigualdade regional brasileira, historicamente construída a partir de projetos de poder político e econômico, mas antes compreender que boa parte da dinamicidade da economia dessa região foi apagada por uma visão que privilegiava a história do centro-sul.

Diante dessa reflexão, o que pretendemos observar é o lugar da Bahia em relação ao desenvolvimento industrial brasileira no oitocentos. A identificação da existência de fábricas no período já é amplamente demonstrada na historiografia, embora ainda não existisse uma dimensão quantitativa sobre esses empreendimentos. Mais recentemente, de maneira pioneira, Silvana Andrade desenvolveu uma pesquisa sobre a Fábrica de Tecidos de Todos os Santos, localizada ao Sul da Bahia (SANTOS, 2020). A partir de seu estudo podemos compreender que a referida fábrica não seria a única existente na Bahia, embora fosse com toda certeza a maior delas. Por isso, pensamos nossa contribuição em quantificar as fábricas existentes na Bahia como também compreender os seus principais setores e as tendências gerais que permearam a indústria no período. Tudo isso entendendo que o mundo atravessava um grande processo de transformação com a Revolução Industrial e a expansão do capitalismo (e também da própria escravidão) tentando perceber essas fábricas da Bahia em meio a esses processos globais

## **A Indústria na Bahia no Oitocentos**



A história da indústria no Brasil deve passar impreterivelmente pela história da indústria na Bahia. Analisando as fábricas têxteis no Brasil, Stanley Stein defende que seria nessa província o principal pólo industrial brasileiro antes da década de 1860 (STEIN, 1979, p.35). Em comparação com outras regiões do Brasil até o número de trabalhos historiográficos sobre as fábricas da região é maior, especialmente no setor têxtil e de fumo. Além do próprio trabalho de Stanley Stein, ressaltam-se as pesquisas de Jean Baptiste Nardi (NARDI, 2001) sobre a indústria do fumo brasileira, principalmente a baiana e mais recentemente a pesquisa de Silvana Andrade dialogando com o surgimento de fábricas e a diversificação dos capitais negreiros na Bahia (SANTOS, 2020). Logo nos primeiros dados quantitativos encontrados sobre a indústria fabril na Bahia é possível identificar sua relevância.

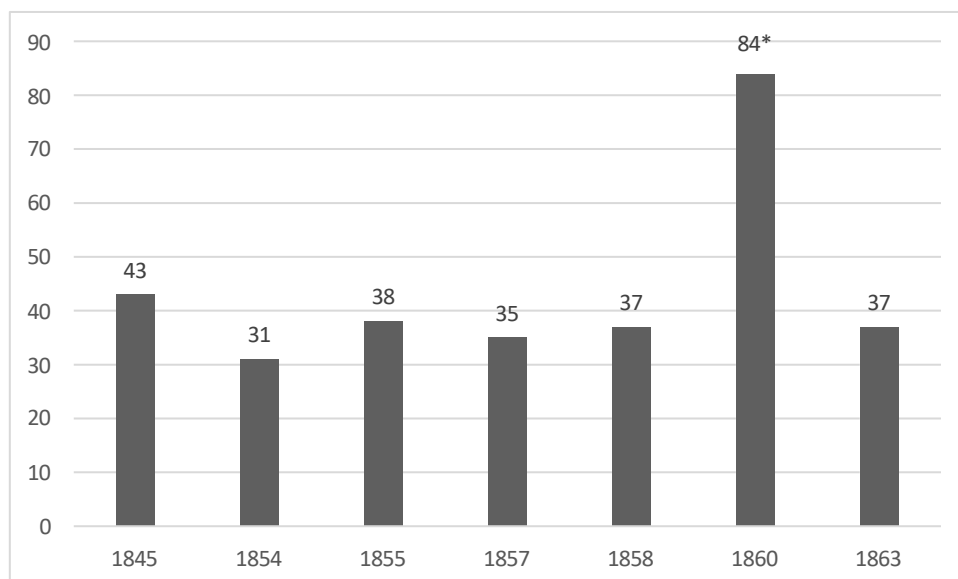
Nos últimos anos podemos observar um crescimento dos estudos sobre a indústria fabril, porém focalizados em estudos de casos, sejam de uma fábrica ou a trajetória empresarial de proprietários dessas fábricas. Nesse caminho a pesquisa de Beatriz Piva Momesso sobre a Fundação de Ponta d' Areia (MOMESSO, 2007) e o estudo de Mario Danielli Neto sobre a Fábrica de Ferro São João do Ipanema (NETTO, 2006) em Sorocaba são demonstrações tanto da profissionalização dos historiadores quanto da diminuição dos objetos da História. Outro trabalho e pesquisa igualmente relevante que levava em consideração a indústria fabril oitocentista foi desenvolvido por Alinnie Moreira que investigou a utilização da mão-de-obra de africanos livres na Fábrica de Pólvora da Estrela (MOREIRA, 2005). Essas pesquisas, dentre outras, foram fundamentais para o campo de estudos sobre a Indústria na primeira metade do XIX e seus múltiplos aspectos e relações econômico-sociais. Dada a importância e qualidade desses trabalhos, a opção pelos estudos de caso abre uma necessidade investigativa: compondo as dinâmicas da economia escravista, esses estabelecimentos não estariam isolados, ou melhor, não seriam os únicos existentes. A partir da Bahia é possível, portanto, compreender a lógica e dinâmica da indústria diante dos fenômenos maiores da economia escravista nacional.



Para compreender esse fenômeno de diversificação do capital e de modernização da economia nacional, onde um de seus desdobramentos foi na indústria, é necessário ter uma maior quantidade de dados sobre as fábricas do período. Sem um censo nacional industrial existente na época, a capacidade de construção de dados quantitativos se torna remota. Porém encontramos nos Almanques uma possibilidade de quantificar o maior número de fábricas possíveis. O Almanque administrativo e mercantil é um periódico que traz com ele listas e informações das mais diversas profissões, ofícios, empresas e cargos públicos e etc. Ele é uma fonte importantíssima para historiadores e economistas do período e contribui tanto para análises prosopográficas quanto levantamentos seriais como os que escolhemos. É relevante lembrar que por não se tratar de um censo e sim informações contidas em um periódico, que segue os dados conforme pedidos e declarados pelos assinantes

Pesquisamos os Almanques a partir da base de dados disponíveis na Hemeroteca Digital. Lá verificamos a existência de Almanques para as províncias da Bahia, dentre os quais utilizamos o Almanque Político, Civil e Comercial da cidade da Bahia para o ano de 1845 e o Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Bahia com as edições para os anos de 1854, 1855, 1857, 1858, 1860 e 1863.

GRÁFICO 1: Quantidade de fábricas por ano na Bahia





XV Congresso Brasileiro de História  
Econômica & 16ª Conferência  
Internacional de História de Empresas

Osasco, 02 a 04 de outubro de 2023



ASSOCIAÇÃO  
BRASILEIRA DE  
PESQUISADORES  
EM HISTÓRIA  
ECONÔMICA

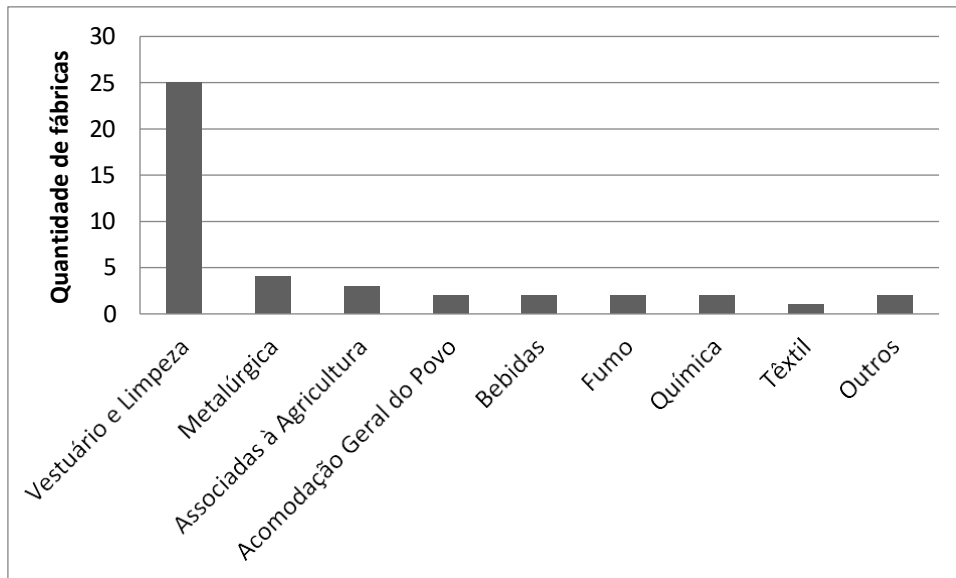
FONTE: ALMANQUE Civil, político e comercial da Bahia para o ano de 1845. Edição Fac-similar Salvador. Fundação Cultural do Estado da Bahia. 1998ALMANAK Administrativo, mercantil e industrial da Bahia para o ano de 1854, 1855, 1856, 1857, 1858, 1859, 1860 e 1863 (Elaborado pelo autor)

É possível que houvesse mais fábricas além das que apareceram nessa documentação. Por exemplo, a Fábrica Têxtil de Todos os Santos não consta nos Almanques para a província da Bahia. Os dados para a província da Bahia por sua vez são mais consistentes e apresentam certas tendências: mesmo sendo dois Almanques distintos o número de fábricas jamais foi menor do que 30. Dessa forma, podemos perceber possíveis momentos de contração ou expansão das atividades fabris na província e na cidade de Salvador. O número ruptivo no ano de 1860 é indicado pela inclusão dos dados no Almanack de mais cidades do recôncavo baiano.

Há uma aparente tendência de queda no total de fábricas encontradas em Salvador para o período. Mas o que precisamos observar é se houve a diminuição no aparecimento de fábricas de algum setor específico da indústria fabril. Para isso seria necessário construir algum tipo de classificação. Decidimos utilizar as categorias propostas por Matheus Sinder para a compreensão da indústria fabril no Rio de Janeiro (SINDER, 2021). São ao todo 14 categorias, definidas por ele a partir de três critérios: finalidade de consumo; transformação da matéria-prima e afinidade de investimentos, operações e trabalho. Formando assim as categorias seguintes: Acomodação Geral do Povo; Alimentos Processados; Associadas a Agricultura; Associadas a Navegação; Bebidas; Fumo; Ferro; Obras, Química, Saúde, Serrarias, Têxtil, Transporte e o setor de vestuário e Limpeza. A partir dessa classificação podemos compreender quais seriam os setores fabris mais dinâmicos da indústria na Bahia.



GRÁFICO 2: Quantidade de Fábricas por setor produtivo na Bahia em 1845



FONTE: ALMANQUE Civil, político e comercial da Bahia para o ano de 1845. Edição Fac-similar Salvador. Fundação Cultural do Estado da Bahia. 1998. (Elaborado pelo autor)

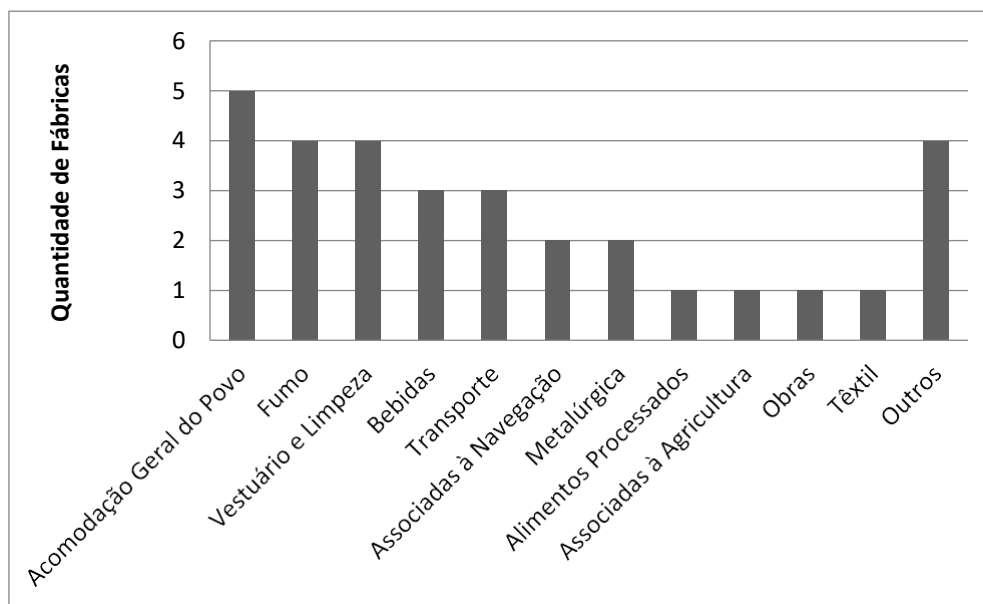
Chama atenção o predomínio do setor de Vestuário e limpeza, representando 58% das fábricas encontradas em 1845. Observando o caso do Rio de Janeiro, Matheus Sinder (SINDER, 2021), identificou que as fábricas de chapéus, velas e sabão seriam aquelas que mais investiram em novas máquinas a vapor, que contavam com grande número de escravizados e que exportavam suas mercadorias e tinham relações com o tráfico ilegal de escravizados. Esses indícios para o Rio de Janeiro podem indicar vestígios do por que a proeminência desse setor também em Salvador nesse período. Especialmente, porque como veremos no Gráfico 3 há uma queda no número de fábricas do setor de Vestuário e Limpeza, no primeiro ano de que dispomos de dados de almanaques após 1845.

Além disso, o setor de Vestuário e Limpeza em todo território nacional era o que detinha maior proteção estatal através das isenções alfandegárias. No relatório do Ministro da Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda apresentado pelo então ministro Joaquim José Rodrigues Torres e referente ao ano de 1850 podemos observar



como essas fábricas receberam mais isenções do que outros setores<sup>1</sup>. Das duas fábricas de Pernambuco que receberam isenção, uma delas era de sabão. Das três que receberam isenção na Bahia, uma também era de Sabão. Já no Maranhão e no Pará apenas uma fábrica em cada província recebeu o direito a isenção alfandegária sendo uma fábrica de velas e uma fábrica de sabão respectivamente (FAZENDA, 1850).

GRÁFICO 3: Quantidade de fábricas por setor na Bahia em 1854



FONTE: ALMANAK Administrativo, mercantil e industrial da Bahia para o ano de 1854.  
(Elaborado pelo autor)

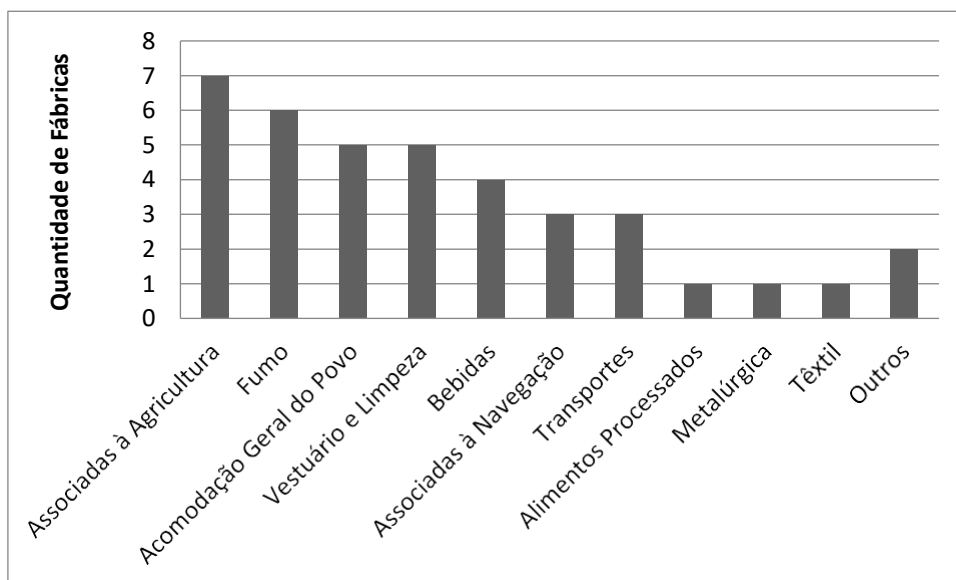
A diminuição de 25 fábricas do setor de vestuário e limpeza em 1845 para apenas quatro fábricas no ano de 1854 pode ter alguns motivos: o primeiro é que por se tratarem de almanaques diferentes isso pode ter influenciado na exposição, coleta e reconhecimento de informações, ou seja, parte dessas fábricas podem ter continuado existindo, porém sem terem sido listadas no almanaque de 1854. Observando os números do setor, essa queda nos dados relativos de um almanack para o outro foi puxada pela diminuição na quantidade de fábricas de chapéus. Enquanto em 1845 elas

<sup>1</sup>BRASIL. Ministério da Fazenda. Joaquim José Rodrigues Torres. Proposta e Relatório do anno de 1850 apresentados a assembléa geral legislativa da terceira sessão e oitava legislatura. 1850. P. 84-87.



somavam 21 fábricas de chapéus das 25 localizadas para aquele ano, em 1854 das quatro fábricas de Vestuário e Limpeza, nenhuma era de chapéus. Porém, isso não significa que as fábricas de chapéus foram todas fechadas ou faliram, conforme vamos observar mais à frente nas TABELAS 1, 2, 3 e 4, a Bahia exportava chapéus na década de 1850. Além disso, nas edições subsequentes do Almanack fábricas de chapéus voltam a aparecer.

GRÁFICO 4: Quantidade de fábricas por setor na Bahia em 1855



FONTE: ALMANAK Administrativo, mercantil e industrial da Bahia para o ano de 1855.  
(Elaborado pelo autor)

Os dados do Almanak de 1855 começam a ter mais informações do que do ano anterior. Uma tendência que vai se seguindo nos anos subsequentes. Como vimos no GRÁFICO 4, o crescimento do número de fábricas Associadas à Agricultura se deve a inclusão das refinarias de açúcar na lista de fábricas existentes. Ao todo foram incluídas seis refinarias de açúcar na cidade de Salvador naquele ano.

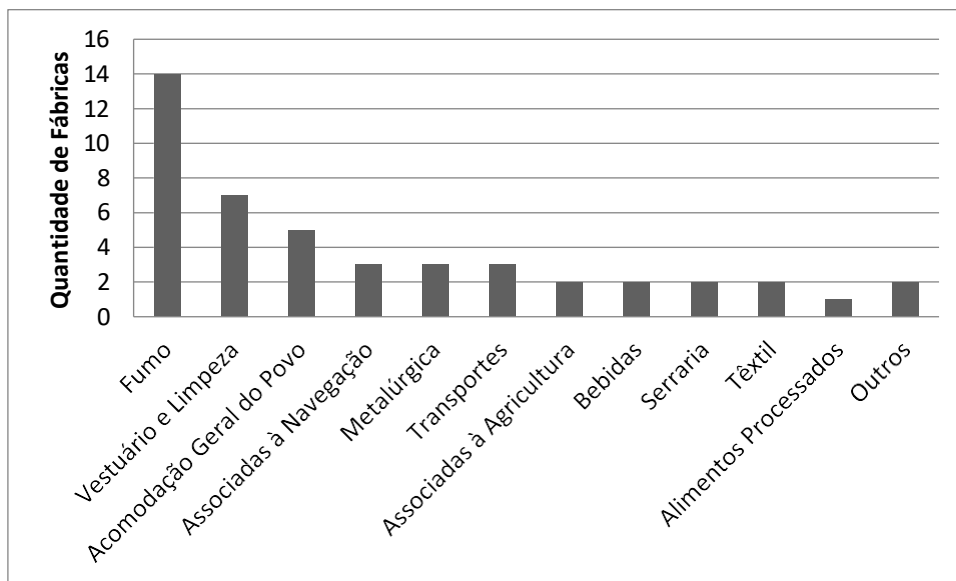
Mudanças significativas também ocorrem nos dados em relação ao ano de 1857, conforme consta no GRÁFICO 5. Neste ano, o Almanak reportou apenas as fábricas existentes na cidade de Salvador, e vimos um acréscimo na quantidade de





estabelecimentos ligados a fabricação de charutos e rapé. A partir desse ano, o setor de Fumo não irá se retrair nos dados do Almanak, demonstrando que não se tratava apenas de uma limitação da fonte que estamos utilizando.

GRÁFICO 5: Quantidade de fábricas por setor na Bahia em 1857

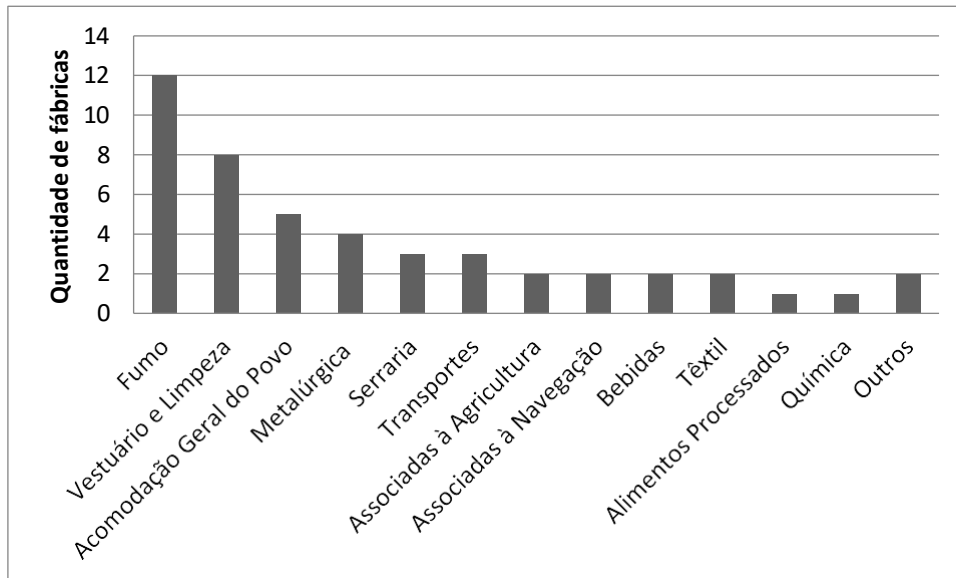


FONTE: ALMANAK Administrativo, mercantil e industrial da Bahia para o ano de 1857.  
(Elaborado pelo autor)

Para o ano de 1858 os dados não sofrem muitas alterações. O que nos chama atenção é que anualmente começam a crescer o número de fábricas do setor de Vestuário e Limpeza: em 1854 eram apenas quatro estabelecimentos desse ramo, em 1855 passaram para cinco, já em 1857 esse número chegou a sete fábricas do setor. Em 1858 há o acréscimo de uma fábrica, um total de oito. Outro ponto importante é que as fábricas de Acomodação Geral do Povo, apresentam um anúncio constante de aproximadamente cinco estabelecimentos listados todos os anos.



GRÁFICO 6: Quantidade de fábricas por setor na Bahia no ano de 1858

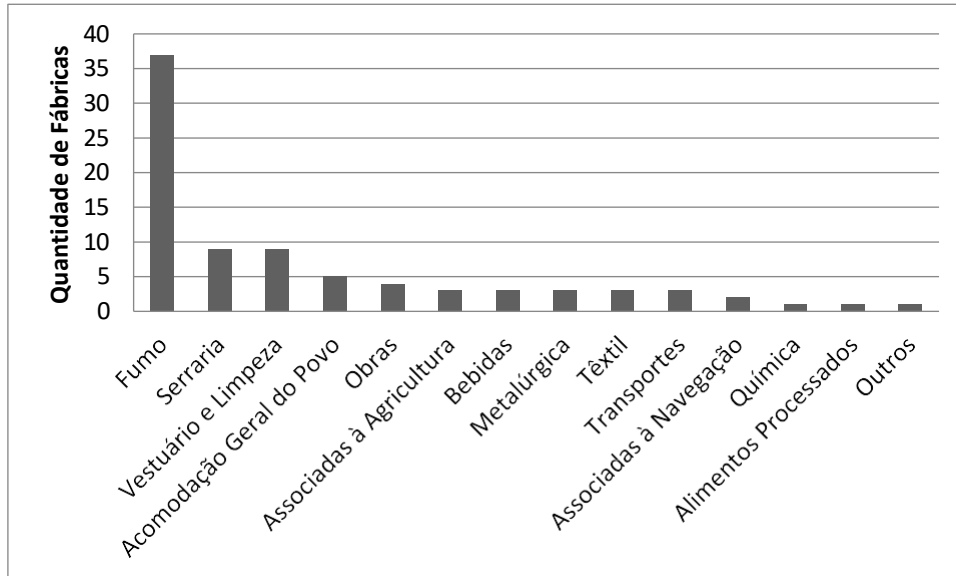


FONTE: ALMANAK Administrativo, mercantil e industrial da Bahia para o ano de 1858.  
(Elaborado pelo autor)

No ano de 1860 é sem dúvidas o ano mais rico em informações disponível no Almanak administrativo, mercantil e industrial da Bahia. Nesse ano, a edição da mais atenção aos dados sobre o interior da Província. Especialmente nas localidades de Maragogipe, Cachoeira, Santo Amaro e Nazareth, foi possível encontrar uma expressiva quantidade de fábricas, particularmente no setor de Fumo. Ao todo foram identificadas 35 fábricas de charutos responsáveis por representar 72% de todos os empreendimentos fabris localizados no interior da província.



GRÁFICO 7: Quantidade de fábricas por setor na Bahia em 1860



FONTE: ALMANAK Administrativo, mercantil e industrial da Bahia para o ano de 1860. (Elaborado pelo autor)

Observando esses dados, podemos nos questionar quantas fábricas em cada ano seriam novas fábricas ou a mesma do ano anterior. Para solucionar isso, conferimos os nomes dos proprietários de fábricas dos anos 1845, 1854 e 1860. Assim conseguimos saber quais fábricas continuaram em funcionamento durante o período do nosso recorte. Entre o ano de 1845 e 1860 apenas três fábricas permaneceram constando nos levantamentos: a fábrica de sabão da firma “Lima e Irmãos e Companhia”; a “Companhia Meuron” e a sua fábrica de rapé e a fábrica de sabão de Wencesláu Miguel de Almeida. Por serem almanaques diferentes, pode ser que isso tenha manchado o resultado, mas não deve se deixar de considerar as mudanças conjunturais da passagem da década de 1840 para 1850, principalmente o fim do tráfico de escravizados. Se tomarmos como ponto de comparação a primeira edição do Almanack Administrativo, Industrial e Mercantil para a Bahia de 1854, podemos perceber uma continuidade maior no número de fábricas encontradas no primeiro ano (1854) e no ano de, 1860.



QUADRO 1: Fábricas com os mesmos proprietários da Bahia em 1854 que permaneceram em 1860

<b>Proprietário</b>	<b>Fábrica</b>
Antonio Carlos Gercent	Fábrica de Carros
Antonio Pereira de Carvalho Oliveira	Fábrica de Vinagre
Augusto Coutivile	Fábrica de Carros
Cameron Smith	Fundição
Carlos Tappe	Fábrica de Pianos
Francisco Sette	Fábrica de Azeite de Mamona
Francisco Xavier da Rocha Pita	Fábrica de Agulhas Náuticas
Joaquim Antonio Soares	Fábrica de Licor
José Antonio Martins	Fábrica de Velas
José Francisco do Nasciemnto	Fábrica de Chocolates
José Salvi	Fábrica de Pianos
Lima e Irmãos e Cia	Fábrica de Sabão
Meuron e Cia	Fábrica de Rapé
Paulino Theodoro Verge	Fábrica de Cadeiras
Paulo Pereira Monteiro	Fábrica de Tecidos
R. Ariani	Fábrica de Carros
Raymundo José Verge	Fábrica de Cadeiras
Rogério da Costa Ferreira	Fábrica de Anzóis

FONTE:ALMANAK Administrativo, mercantil e industrial da Bahia para o ano de 1854 e1860. (Elaborada pelo autor).

Podemos observar que os setores de Transportes e de Acomodação Geral do Povo foram os que mais permaneceram com fábricas no início e no final do ciclo. Também é importante destacar que pelo menos uma fábrica de cada setor, excetuando as serrarias, continuaram de 1854 para 1860. Infelizmente, para a década seguinte,



encontramos edições de almanacks para Bahia apenas até o ano de 1863. Impossibilitando uma análise quantitativa maior por esse período.

### **A exportação de mercadorias manufaturadas nas fábricas da Bahia**

Quando confrontados esses dados quantitativos com a perspectiva dos relatórios de presidentes de província, esses números ganham sentido, principalmente a tendência das fábricas de Fumo de serem as mais relevantes em quantidade, como vimos. De acordo com Herculano Ferreira Penna, presidente da Província da Bahia, em seu relatório para o ano de 1860, o setor de produção de charutos encontrava-se em excelente estágio na Província:

felizmente esta indústria caminha cada dia mais animada, e a exportação continua a ser considerável, tendo chegado no último ano financeiro a quantidade de 45.987:092 charutos no valor de 553:941\$606, e no primeiro trimestre de 1859 a 1860 à 26.461: 513 no valor de 335:327\$060.<sup>2</sup>

As fábricas baianas de charutos foram responsáveis por exportar quase 46 milhões de unidades de charutos em um único ano. Esse dado é interessante porque revela que a produção da indústria fabril não se limitava a atender apenas as demandas do mercado interno. Sendo as fábricas do setor de Fumo estabelecimentos relacionados também a exportação, justifica a classificação de “animada” para esse setor dada por Herculano. A partir daí algumas questões surgem: seria somente o setor de Fumo o que exportava suas mercadorias? Para quais locais as fábricas baianas estavam exportando suas mercadorias manufaturadas?

---

<sup>2</sup>PROVÍNCIA. Relatório recitado na Abertura da Assembleia Legislativa Provincial da Bahia pelo presidente da Província Herculano Ferreira Penna. 10 de Abril de 1860. p.65.



TABELA 2: Manufaturados da Bahia exportados para países estrangeiros (1854-1857)

<i>Produto</i>	<b>Unidade</b>	<b>1854-1855</b>		<b>1855-1856</b>		<b>1856-1857</b>		<b>Total</b>
		Quant.	Valor	Quant.	Valor	Quant.	Valor	
<i>Calçado</i>	Pares	-----	-----	-----	-----	200	300\$	300\$
<i>Charuto</i>	Unidade	783,73	8:022\$	834,02	12:405	1;776,24	30:116	50:543
		0		3	\$	0	\$	\$
<i>Estopa em Fio</i>	Arrobas	2,347	3:890\$	1,063	1:703\$	298	476\$	6:069\$
<i>Licores</i>	Medida	-----	-----	-----	-----	39	88\$	88\$
<i>Mobília</i>	Alqueires	----	382\$	----	----	----	----	382\$
<i>Rapé</i>	Arrobas	14	476\$	114	2:828\$	94	2:618\$	5:922\$
<i>Vassouras</i>	Dúzias	14	13\$	38	71\$	----	----	84\$
<i>Total</i>			12:783		17:007		33:598	63:388
			\$		\$		\$	\$

FONTES: PROVÍNCIA. Relatório recitado na Abertura da Assembleia Legislativa Provincial da Bahia pelo presidente da Província João Luis Vieira Cansansão de Sinumbu. 1857.

TABELA 3: Manufaturados da Bahia exportados para países estrangeiros (1857-1860)

<i>Produto</i>	<b>Unidade</b>	<b>1857-1858</b>		<b>1858-1859</b>		<b>1859-1860*</b>		<b>Total</b>
		Quant.	Valor	Quant.	Valor	Quant.	Valor	
<i>Amarras e Cabos</i>	Peças	----	----	81	313\$	----	----	313\$
<i>Calçado</i>	Pares	73	241\$	100	272\$	----	----	513\$
<i>Chapéus</i>	Unidade	26	104\$	----	----	----	----	104\$
	e							
<i>Charutos</i>	Unidade	1.461.42	26:200	1.776.82	33:710	896.36	13:600	73:510
	e	5	\$	5	\$	0	\$	\$
<i>Chocolates</i>	Arrobas	25	8\$	----	----	----	----	8\$



<i>Estopa em Fios</i>	Arrobas	513	827\$	130	357\$	133	489\$	1:673\$
<i>Louças</i>	Medida	-----	26\$	-----	94\$	-----	19\$	139\$
<i>Mobília</i>	Alqueir e	-----	303\$	-----	2;113\$	-----	104\$	2:525\$
<i>Rapé</i>	Arrobas	20	663\$	52	1:679\$	33	1:131\$	3:473\$
<i>Tamanco s</i>	Pares	117	124\$	733	336\$	752	301\$	761\$
<i>Velas</i>	Arrobas	4	33\$	42	632\$	2	30\$	695\$
<i>Total</i>			28:529 \$		39:506 \$		15:674 \$	83:709 \$

FONTE: PROVÍNCIA. Relatório recitado na Abertura da Assembleia Legislativa Provincial da Bahia pelo presidente da Província Herculano Ferreira Penna. 10 de Abril de 1860

TABELA 4: Manufaturados da Bahia exportados para as demais províncias do Império

<i>Produ</i> <i>o</i>	<i>Unidad</i> <i>e</i>	1854-1855		1855-1856		1856-1857		<b>Total</b>
		Quant	Valor	Quant.	Valor	Quant.	Valor	
<i>Fios de Algodão</i>	Arrobas	1.270	19:417 \$	1.733	24:937 \$	1.901	29:204 \$	73:558\$
<i>Amarra s e Cabos</i>	Peças	14.25 5	391\$	511	1:104\$	-----	-----	1:495\$
<i>Calçado</i>	Pares	1.303	1:681\$	-----	-----	24	28\$	1:709\$
<i>Cerveja</i>	Medidas	322	300\$	-----	-----	-----	-----	300\$
<i>Chapéus</i>	Unidade	8.608	8:001\$	3.952	4:223\$	6.890	6:143\$	18:367\$



<i>Charutos</i>	Unidade	27.70 8. 345	221:93 0\$	30.251. 350	352:65 6\$	43.061. 100	516:73 3\$	1.091:3 28\$
<i>Chocolate</i>	Arrobas	5	26\$	-----	-----	-----	-----	26\$
<i>Estopa</i>	Arrobas	4.088	6:350\$	3.724	5:638\$	1.894	3:021\$	15:009\$
<i>Cordas</i>	Peças	-----	-----	305	339\$	630	866\$	1:205\$
<i>Graxa</i>	Arrobas	-----	-----	-----	-----	12	72\$	72\$
<i>Licores</i>	Medida	309	319\$	316	492\$	2,325	1:336\$	2:147\$
<i>Louças</i>	Medida	-----	5:423\$	-----	3:611\$	-----	4.779\$	13:813\$
<i>Pano de Algodão</i>	Vara	334.3 49	79:881 \$	199.688	47:925 \$	81.149	19:473 \$	147:279 \$
<i>Rapé</i>	Arrobas	322	15:003 \$	313	14:098 \$	337	11.005 \$	40:106\$
<i>Sabão</i>	Arrobas	13.88 9	53:314 \$	10.738	37:800 \$	10.940	38:883	129:997 \$
<i>Sal</i>	Alqueire	4.448	2:224\$	2.000	1:000\$	1.000	500\$	3:724\$
<i>Tamancão</i>	Pares	31.66 3	7.613\$	30.174	7.897\$	36.693	10.021 \$	25.531\$
<i>Tijolo</i>	Quantidade	61.00 0	732\$	89.000	1:204\$	69.700	696\$	2:632\$
<i>Vassoura</i>	Dúzias	95	66\$	-----	-----	214	191\$	257\$
<i>Velas</i>	Arrobas	359	3:973\$	399	6:822\$	866	9:960\$	20:755\$
<i>Total</i>			426:64 4\$		509:75 5\$		652:91 1\$	1.589:3 10\$

FONTE: PROVÍNCIA. Relatório recitado na Abertura da Assembleia Legislativa Provincial da Bahia pelo presidente da Província João Luis Vieira Cansansão de Sinumbu. 1857.





TABELA 5: Manufaturados da Bahia exportados para as demais províncias do Império

<i>Produt o</i>	<i>Unid.</i>	<b>1857-1858</b>		<b>1858-1859</b>		<b>1859-1860*</b>		<b>Total</b>
		Quant.	Valor	Quant.	Valor	Quant.	Valor	
<i>Fios de Algodã o</i>	Arrob a	2.193	36:000 \$	1.716	34:782 \$	920	18.885 \$	89:671\$
<i>Amarra s e Cabos</i>	Peças	30	120\$	-----	-----	-----	-----	120\$
<i>Cal</i>	Mios	6	32\$	-----	-----	-----	-----	32\$
<i>Calçad o</i>	Pares	200	46\$	48	96\$	44	321\$	463\$
<i>Chapéu s</i>	Unida de	22.296	28:335 \$	12.045	14:901 \$	14.691	21:136 \$	64:372\$
<i>Charut os</i>	Unida de	43.205. 175	518:46 2\$	45.987. 092	333:94 1\$	26.461. 315	333:32 7\$	1.185:7 30\$
<i>Chocol ate</i>	Arrob a	-----	-----	-----	-----	3	38\$	38\$
<i>Estopa</i>	Arrob a	2.492	4:896\$	2.637	7:970\$	1.347	4:444\$	17:310\$
<i>Cordas</i>	Peças	-----	-----	-----	-----	249	64\$	64\$
<i>Licores</i>	Medid a	1.556	2:177\$	1.272	1:326\$	799	940\$	4:443\$
<i>Louças</i>	Medid a	-----	5:357\$	-----	4:374\$	-----	3.077\$	12:808\$
<i>Pano de Algodã o</i>	Vara	328.599	78:863 \$	133.408	32:301 \$	434.330	92:772 \$	203:936 \$



<i>Rapé</i>	Arroba	438	14:626 \$	484	15:559 \$	240	7:839\$	38:024\$
<i>Sabão</i>	Arroba	18.942	54:333 \$	16.007	54:431 \$	13.440	49:429	158:393 \$
<i>Sal</i>	Alquere	1.200	600\$	3.000	1:500\$	1.200	600\$	2:700\$
<i>Tamanc o</i>	Pares	40.019	13:246 \$	46.749	12:619 \$	14.916	4:399\$	30:264\$
<i>Tijolo</i>	Medida	138.000	2:489\$	275.000	3:422\$	37.000	766\$	6:677\$
<i>Vassou ra</i>	Dúzia	270	290\$	74	818\$	93	111\$	1:219\$
<i>Velas</i>	Arroba	1.263	13:733 \$	1.248	13:744 \$	818	9:433\$	36:910\$
<i>Total</i>			773:22 1\$		477:14 3\$		547:58 1\$	1.797:9 45\$

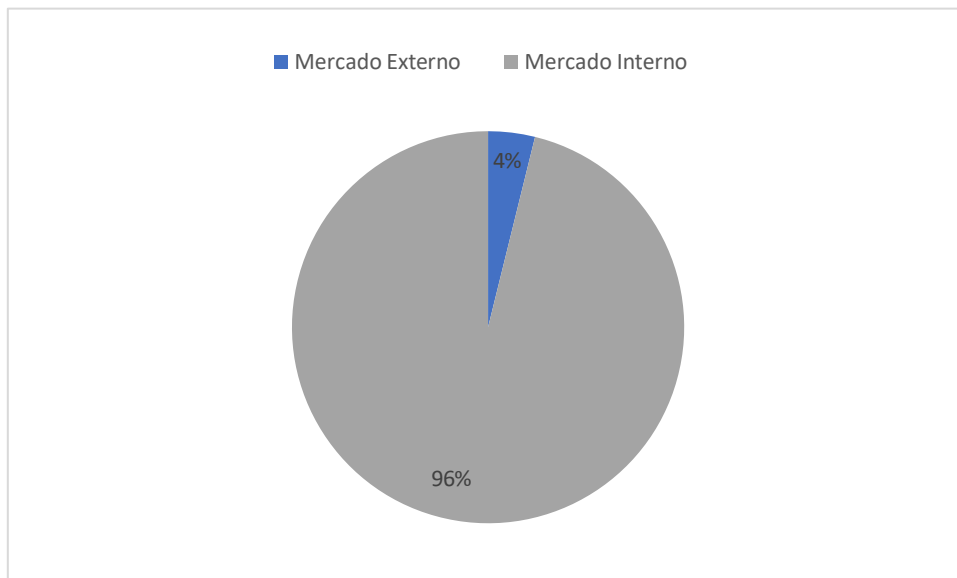
FONTE: PROVÍNCIA. Relatório recitado na Abertura da Assembleia Legislativa Provincial da Bahia pelo presidente da Província Herculano Ferreira Penna. 10 de Abril de 1860.

Nos dados acima, fica nítido a relevância do setor de Fumo para a indústria fabril na Bahia, por ser o que mais movimentou capitais na sua exportação, seja para países estrangeiros ou para outras Províncias do Império. Apesar desse destaque do setor de Fumo, é muito relevante mapear essas exportações para o mercado internacional e venda para o mercado interno. Os indícios contidos nos relatórios de presidente de Província permitem observar que o mercado interno era mais frutífero para o consumo das mercadorias da indústria fabril: além de uma variedade maior de produtos sendo destinada ao mercado interno, havia também uma maior quantidade no comércio interno das mercadorias similares destinadas ao mercado externo. Alguns produtos se destacam para além dos charutos, como os panos e fios de algodão, o sabão e os chapéus.



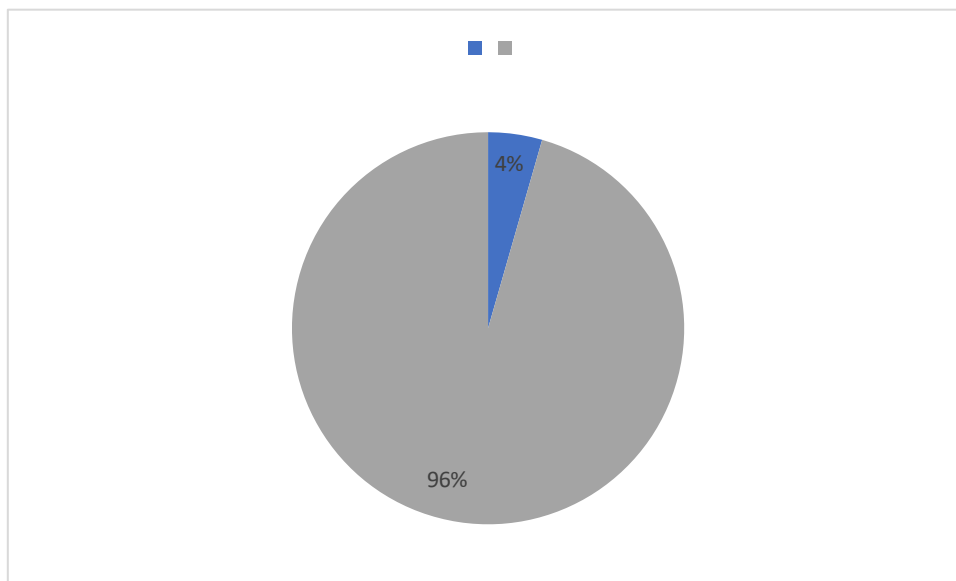
Destacar que as fábricas baianas tinham parte de suas mercadorias manufaturadas destinadas para o mercado externo revela a dinamicidade e competitividade desse setor no cenário internacional. Ainda assim, se comparada as “exportações para as demais províncias do Império” com as “exportações para os países estrangeiros” vamos observar que o mercado interno dessas mercadorias consumia quase toda produção dos manufaturados baianos.

GRÁFICO 8: Comparação do valor dos manufaturados destinados ao mercado interno e externo (1854-1857)



FONTE: PROVÍNCIA. Relatório recitado na Abertura da Assembleia Legislativa Provincial da Bahia pelo presidente da Província João Luis Vieira Cansansão de Sinumbu. 1857

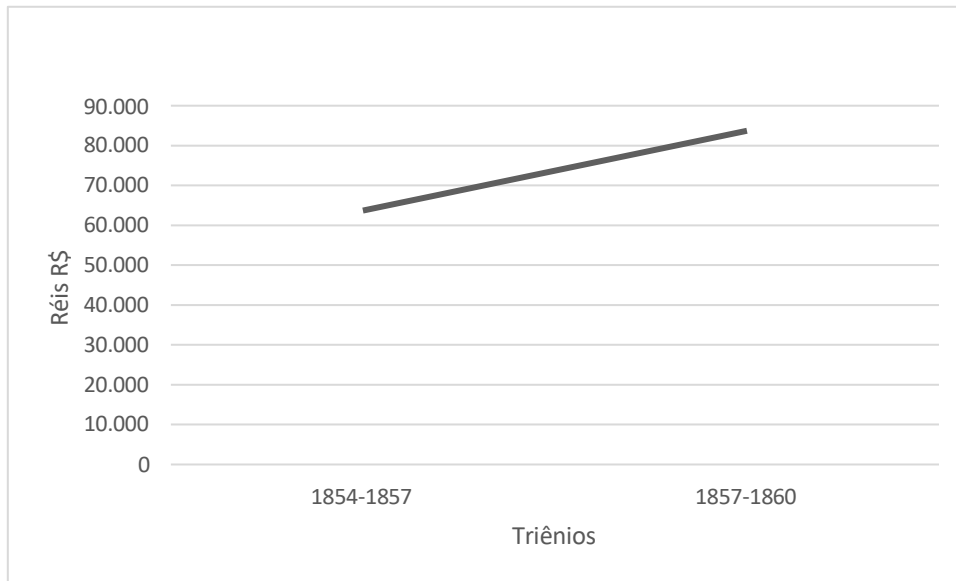
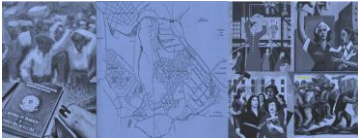
GRÁFICO 9: Comparação o valor dos manufaturados destinados ao mercado interno e externo (1857-1860)



FONTE: PROVÍNCIA. Relatório recitado na Abertura da Assembleia Legislativa Provincial da Bahia pelo presidente da Província Herculano Ferreira Penna. 10 de Abril de 1860

A tendência geral apresentada na década de 1850 é de crescimento geral no valor das exportações dos produtos manufaturados na Bahia. Seja para o mercado externo quanto para o mercado interno. Fica nítido através dos gráficos 10 e 11 que a tendência é de alta, porém uma alta maior da exportação para o mercado interno. Quando observamos isso de maneira comparativa como nos Gráficos 8 e 9 fica nítido que mesmo com o crescimento a exportação das mercadorias manufaturadas para o estrangeiro não ultrapassou a marca de aproximadamente 4% do total do valor das exportações.

GRÁFICO 10: Crescimento da exportação de manufaturados para países estrangeiros



FONTE: PROVÍNCIA. Relatório recitado na Abertura da Assembleia Legislativa Provincial da Bahia pelo presidente da Província João Luis Vieira Cansansão de Sinumbu. 1857

GRÁFICO 11: Crescimento da exportação de manufaturados para o mercado interno

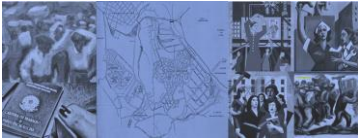


FONTE: PROVÍNCIA. Relatório recitado na Abertura da Assembleia Legislativa Provincial da Bahia pelo presidente da Província Herculano Ferreira Penna. 10 de Abril de 1860



Essa dinâmica entre os mercados internos (províncias), externos (países estrangeiros) e local (província da Bahia) nos mostram que o processo de integração dos mercados no Brasil não ocorreu apenas via commodities externas ou integração de um mercado nacional. A formação de um mercado nacional integrado, como vê Polanyi, aqui ocorre via região. Ou seja, não é a integração do mercado nacional, mas a integração de mercados regionais o que se apresenta. Observar as mercadorias manufaturas permite transparecer esse processo. Que seja para Polanyi que antes da grande transformação havia dois mercados: o mercado local e o mercado de longa distância, será a integração desses dois mercados o que forma o mercado nacional e permite com que terra, trabalho e dinheiro se transformem em mercadoria (POLANIY, 2000). O que estamos assistindo, uma vida próxima e diferente da abordada por Polanyi, é a integração do mercado local com o mercado de longa distância em escala regional. Uma economia escravista mercantil regional integrada.

Tendo visto o campo do mercado consumidor dos produtos dessas fábricas, podemos também observar a esfera da produção dessas mercadorias. Dentre as fábricas de Fumo, a Meuron & Companhia destacava-se. Responsável por produzir um famoso rapé no século XIX, o Arêa Preta, produziu no ano de 1857 um valor de 150, 000 libras esterlina. O rapé, segundo Nardi, é um aperfeiçoamento do tabaco em pó e até meados do século XIX era a forma de fumo mais popular no país, sendo substituído ao final do século pelo charuto. Segundo ele, dentro todo o setor de Fumo (rapé, charutos e cigarros) o rapé seria o que utilizaria uma maior estrutura industrial devido à complexidade de seus processos de produção como umidificação, secagem, fermentação, aquecimento e necessidade de contar com máquinas de cortar, fornos e por vezes máquinas a vapor. A indústria Meuron & Companhia é, portanto, um bom exemplo do que era uma fábrica “montada em grande porte” para o período analisado. Na pintura abaixo, armazenada na Pinacoteca do Estado de São Paulo é possível identificar o bom estabelecimento dessa fábrica e também sua localização estratégica para exportação de sua mercadoria.



## IMAGEM 7: A fábrica de Rapé Meuron & Companhia na Bahia em 1837



Fonte: Pintura “Vue de la Rade de Bahia prise du Jardin Public. A la fabric de tabac de M. M. de Meuron e cie.” 1837. Armazenado na Pinacoteca de São Paulo. Disponível me: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/artigos/23424/a-fabrica-de-rape-que-fez-historia-na-bahia-e-no-rio-de-janeiro>.

Esse estabelecimento montado em ponto grande empregava um total de 27 trabalhadores, em sua maioria de escravizados. Desse total quatro eram nacionais, três eram estrangeiros e vinte escravizados. Contava também com duas grandes máquinas a vapor<sup>3</sup>. A fábrica de sabão da firma Lima & Irmão era outro empreendimento fabril que empregava majoritariamente o trabalho de escravizados na sua fábrica, a composição era de vinte e seis escravos para apenas dois livres. O mesmo fenômeno acontecia na

<sup>3</sup>PROVÍNCIA. Relatório recitado na Abertura da Assembleia Legislativa Provincial da Bahia pelo presidente da Província Herculano Ferreira Penna. 10 de Abril de 1860. p.65



fábrica de chapéus da empresa Ferreira Pinto & Companhia, dos 54 trabalhadores 36 eram escravizados, 14 brasileiros e 4 trabalhadores estrangeiros<sup>4</sup>

Os dois maiores setores produtivos da Bahia, Fumo e Vestuário e Limpeza, dessa maneira não eram incompatíveis com a escravidão. Tanto no emprego massivo de trabalhadores escravizados em três das maiores fábricas do período, quanto na produção de mercadorias manufaturadas que tinham competitividade em diferentes mercados.

### **Considerações Finais**

A partir desses dados é possível mapear qual o lugar da Bahia diante do processo industrial que atravessa o Brasil no oitocentos. Em primeiro lugar vale ressaltar que se trata um novo contraponto baiano, onde a identificação e dimensão das dinâmicas da indústria na Bahia nos permitem enxergar para além das clássicas visões sobre o açúcar e outras commodities. Não apenas isso, mas a participação dessa indústria baiana no mercado internacional e interprovincial demonstra de um lado sua vitalidade e de outro um processo maior de integração dos mercados locais e de longa distância via economias escravistas regionais, como a baiana.

O emprego de trabalho de escravizados nos principais empreendimentos fabris somado a adoção de máquinas a vapor já na primeira metade do século XIX são exemplos de como a indústria na Bahia se inseriu em primeiro lugar dentro das dinâmicas da escravidão e em segundo em como conjugou a modernidade das máquinas industriais com a escravidão. Mais do que isso, o mapeamento realizado na indústria na Bahia revela uma perspectiva de análise integrada entre os componentes da economia no século XIX e a observação deles a partir da lógica de uma economia escravista. A agroexportação, o mercado interno, a exportação e a indústria estariam envolvidas todas pelas dinâmicas das relações sociais da escravidão.

---

<sup>4</sup>PROVÍNCIA. Relatório recitado na Abertura da Assembleia Legislativa Provincial da Bahia pelo presidente da Província Herculano Ferreira Penna. 10 de Abril de 1860. p.65





XV Congresso Brasileiro de História  
Econômica & 16ª Conferência  
Internacional de História de Empresas

Osasco, 02 a 04 de outubro de 2023



ASSOCIAÇÃO  
BRASILEIRA DE  
PESQUISADORES  
EM HISTÓRIA  
ECONÔMICA

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMANQUE Civil, político e comercial da Bahia para o ano de 1845. Edição Fac-similar Salvador. Fundação Cultural do Estado da Bahia. 1998

ALMANAK Administrativo, mercantil e industrial da Bahia para o ano de 1854, 1855, 1857, 1858, 1859, 1860 e 1863.

BRASIL. Ministério da Fazenda. Joaquim José Rodrigues Torres. Proposta e Relatório do ano de 1850 apresentados a assembléia geral legislativa da terceira sessão e oitava legislatura. 1850

MOMESSO, Beatriz Piva. Indústria e Trabalho no século XIX: o estabelecimento de fundição e máquinas de Ponta d' Areia. Niterói. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em História UFF. 2007

MOREIRA, Aline Silvestre. Liberdade Tutelada: os africanos livres e as relações de trabalho na fábrica de pólvora da estrela, serra da estrela/Rio de Janeiro (1831-1870). Campinas. Dissertação de Mestrado. 2005.

NARDI, Jean Baptist. A (Des)montagem da Indústria brasileira do fumo (1808-1913) – o caso da Bahia. IV Congresso Brasileiro de História Econômica e 5ª Conferência internacional de História de Empresas, São Paulo (FEA-USP)/2001.

NETO, Mario Danieli. Escravidão e Indústria: Um estudo sobre a Fábrica São João de Ipanema- Sorocaba (SP) – 1765-1895. Campinas. Tese de Doutorado. 2006

PROVÍNCIA. Relatório recitado na Abertura da Assembleia Legislativa Provincial da Bahia pelo presidente da Província João Luis Vieira Cansansão de Sinumbu. 1857

PROVÍNCIA. Relatório recitado na Abertura da Assembleia Legislativa Provincial da Bahia pelo presidente da Província Herculano Ferreira Penna. 10 de Abril de 1860.

SANTOS, Silvana Andrade dos. Escravidão, Tráfico e Indústria na Bahia Oitocentista: A sociedade Lacerda e Cia e a Fábrica têxtil de Todos os Santos (1844-1878). Tese de Doutorado. Instituto de História. UFF. Niterói. 2020

SINDER, Matheus. A Indústria Escravista no Oitocentos: o caso das fábricas do Rio de Janeiro (1808-1850). Varginha. ABPHE. XIV Congresso Nacional de História Econômica e XV Conferência Internacional de História de Empresas. 2021

STEIN, Stanley. A Força de Trabalho. In: Origens e Evolução da Indústria Têxtil no Brasil 1850-1950. Rio de Janeiro. Campus. 1979.